

www.oxisdaquestao.com.br

O que e como Lula pensava em 1980 após fundar o PT

Luis Inácio da Silva (Lula) em entrevista exclusiva para «PH»:

O grande risco do dirigente sindical o seu afastamento dos problemas operários

Correspondente no Brasil
Vicente P. Silva

... começou na rua, em frente à Igreja Matriz do Campo, onde Luiz Inácio da Silva atuava como presidente de um conselho paralelo. As interrupções foram várias, e providências práticas de militância: distúrbios nas portas das fábricas, marcação de greve em um mimeógrafo... Mas logo Lula se sentiu numa sala emprestada, onde a conversa durou quase duas horas. E quando, no fim do espaço para algo de importante eventualmente, ele simplesmente respondeu: «Contante o que tenho para dizer. Imponho-me a saber.»

... saber, imaginando-me no universo de português, foi perguntado a Lula. E quer perguntas. Fica aí a conversa, tal em comentários, para que os leitores este-se, entretanto, uma declaração risco do dirigente sindical é o seu lemas operários.»

— Isso foi em 1960. Arranjei emprego numa metalúrgica e tive sorte: passado algum tempo, o patrão escolheu-me para fazer um curso de torneiro mecânico no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Era um curso que intercalava estudo e trabalho. Seis meses no SENAI, seis meses na metalúrgica. Quando me formei, pedi aumento de salário. Afinal, já era um torneiro mecânico. Mas o patrão recusou, alegando que precisava recuperar o dinheiro que havia investido em mim. Eu nem discuti: pedi demissão. Logo em seguida, consegui outro emprego ganhando o dobro.

— E o sindicato... quando é que você começou a interessar-se por sindicato?

— Eu não diria que me interessei. Na verdade, interessaram-

... Você acha que tem sido um bom dirigente sindical?

— (mas uma certa pressão para responder) Eu acho que consegui desempenhar bem a minha missão a partir do momento em que descobri que a grande tarefa de um presidente sindical é fazer o que o trabalhador quer. Deixei então de dar ordens e passei a ser um executor da vontade dos metalúrgicos. (Nova pausa, com o pretexto de acender um cigarro, e aprofunda seu raciocínio) Eu sei que quando a gente conquista a confiança dos trabalhadores, a responsabilidade aumenta. O que a gente diz é acreditado e pode influenciar companheiros. Mas eu quero declarar que, hoje, sou muito mais um reproduzidor das ideias dos trabalhadores do que um doutrinador. Para reproduzir o que os trabalhadores pensam e sentem, é essencial estar com eles todos os dias. Eu continuo a ir à porta da fábrica todos os dias, para não me distanciar dos problemas dos trabalhadores.

— E a tentação da demagogia, do aburguesamento, da corrupção?

— (erguendo o tom da voz, como se estivesse respondendo a uma agressão) O grande risco do dirigente sindical é o seu afastamento dos problemas operários. O dirigente que fecha o sindicato aos trabalhadores, que não vai à porta da fábrica, passa a ter muito mais contactos com autoridades do que com trabalhadores. E fica cada vez mais perto da corrupção. A estrutura e a tradição do nosso sindicalismo encaixam para a corrupção. O (



Na entrevista a PH, Lula não fugiu a nenhuma pergunta

logo aprende que a nossa princi- tinha 29 anos quando foi eleito

Em julho de 1980, para o semanário “Portugal Hoje”, de Lisboa, entrevistei Luiz Inácio da Silva, Lula, o mais importante líder sindical brasileiro. Cinco meses antes, ele fundara o Partido dos Trabalhadores.

Lúcido e legitimamente ambicioso, Lula transitava das lutas sindicais para os embates político-partidários, atrás de um poder que o sindicalismo, limitado por leis restritivas, não lhe podia dar.

A entrevista foi publicada na edição de 23 de julho daquele ano, ocupando duas páginas do “Portugal Hoje”, jornal de opção socialista (extinto em 1982) com o qual colaborava na função de correspondente no Brasil. As fotos foram feitas pelo grande repórter fotográfico Silvestre P. Silva.

Recuperei recentemente o texto dessa entrevista. E aqui o coloco, 33 anos depois, em versão PDF, à disposição de quem por ele se interessar.

Para comparações e análises livres de influências do autor, o texto será postado sem comentários nem correções. Em favor do rigor da transcrição, decidi manter, inclusive, a ortografia e o vocabulário de uso lusitano à época.

Votos de boa leitura e bom uso.

Carlos Chaparro

Luiz Inácio da Silva (Lula)
em entrevista exclusiva para “PH”:

“O grande risco do dirigente sindical é o seu afastamento dos problemas operários”

*TEXTO DE MANUEL CARLOS CHAPARRO,
CORRESPONDENTE NO BRASIL*

A entrevista começou na rua, em frente à Igreja Matriz de São Bernardo do Campo, onde Luiz Inácio da Silva montou o seu quartel-general como presidente de um verdadeiro sindicato paralelo. As interrupções foram várias, para coordenar providências práticas de militância: distribuição de jornais nas portas das fábricas, marcação de reuniões, montagem de um mimeógrafo... Mas logo Lula conseguiu isolar-se numa sala emprestada, onde a conversa se prolongou por quase duas horas. E quando, no final, lhe oferecemos espaço para algo de importante eventualmente não perguntado, ele simplesmente respondeu: “Nunca acho importante o que tenho para dizer. Importante é o que você quer saber.”

O que eu queria saber, imaginando-me no universo de interesses do leitor português, foi perguntado a Lula. E ele não rejeitou qualquer pergunta. Fica aí a conversa, tal como ela se deu, sem comentários, para que os leitores dela participem. Saliente-se, entretanto, uma declaração de Lula: “O grande risco do dirigente social é o seu afastamento dos problemas operários.”

- Antes de mais nada, Lula, eu quero saber quem é você. A sua imagem, inclusive em Portugal, é a de um Messias dos operários brasileiros. Você sente-se também um Messias?

- *(sorrindo)* Nada disso... Eu sou um cara igual a qualquer outro metalúrgico. Igual até nas origens. Eu sou nordestino, nasci em Garanhuns, no Estado de Pernambuco. Meu pai era um pequeno lavrador, tinha umas terrinhas pequenas que não davam nem para sustentar a família. E para sobreviver, ele fez o que boa parte dos nordestinos fazem: emigrou para o Sul, veio para São Paulo.

- *Fazer o quê?*

- Quem? O meu velho? Ele começou a trabalhar no porto de Santos, carregando sacos de café nas costas.

- *Que idade você tinha nessa época?*

- Eu tinha cinco anos de idade. Eu nasci em 46, a família emigrou em 51.

- *Você tem hoje, então, 34 anos...*

- Certo... 34 anos. Mas de trabalho já sou um veterano. Comecei a trabalhar com oito anos, vendendo amendoim torrado nas esquinas de Santos. Depois, consegui emprego numa lavanderia; estudava pela manhã, trabalhava à tarde. E, aos 13 anos, mudei para uma firma de exportação de algodão, para trabalhar de "office-boy" (*paquete*).

- *E quando é que você começou a ser metalúrgico?*

- Isso foi em 1960. Arranjei emprego numa metalúrgica e tive sorte: passado algum tempo, o patrão escolheu-me para fazer um curso de torneiro mecânico no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Era um curso que intercalava estudo e trabalho. Seis meses no SENAI, seis meses na metalúrgica. Quando me formei, pedi aumento de salário. Afinal, já era um torneiro mecânico. Mas o patrão recusou, alegando que precisava recuperar o dinheiro que havia investido em mim. Eu nem discuti: pedi demissão. Logo em seguida, consegui outro emprego ganhando o dobro.

- *E o sindicato... quando é que você começou a interessar-se por sindicato?*

- Eu não diria que me interessei. Na verdade, interessaram-se por mim. Até 1968, eu não frequentei nem me interessei por sindicato. E os dirigentes sindicais também não se interessavam por nós, que trabalhávamos. Não se via um dirigente nas portas das fábricas. Mas eu tenho um irmão, conhecido por

“Frei Chico”, que já naquela época era um activista sindical e ele levou-me a uma assembleia onde se elegia uma nova directoria. Eu acabei entrando na “chapa” vencedora como suplente. Aí, fui tomando pé da situação e comecei a gostar da luta sindical.

- O que foi que mais o entusiasmou na luta sindical?

- Quando a gente entra num sindicato e se leva a coisa a sério, logo aprende que a nossa principal tarefa é descobrir e assumir as dificuldades dos outros. Isso passa a fazer parte da nossa vida. E comecei a perceber que, apesar de todas as dificuldades, eu podia fazer alguma coisa. Vieram as primeiras tarefas de militante, comecei a trabalhar nas lutas sindicais e descobri que me dava uma grande satisfação resolver algum problema para um companheiro metalúrgico.

- E não saiu mais dessa luta...

- Exacto. O sindicato passou a fazer parte da minha vida: em 1972 fui eleito primeiro secretário, em 75 fizeram-me presidente.

- 1975... Quer dizer que você tinha 29 anos quando foi eleito presidente do sindicato. Você não ficou assustado quando se viu presidente do mais importante sindicato de metalúrgicos da América Latina?

- (retardando um pouco a resposta, como que num momento de reflexão) Essa é uma responsabilidade que me assusta até hoje. Responsabilidade pesada, meu amigo. Desde o início, eu sempre tive medo que um dia pudesse fazer algo que não estivesse de acordo com a vontade dos metalúrgicos. Mas, na prática do dia-a-dia, permanecendo sempre ligado aos trabalhadores, a gente vence esse medo. Eu posso dizer que, como dirigente, cresci no convívio com os metalúrgicos.

- Você acha que tem sido um bom dirigente sindical?

- (mais uma curta pausa para pensar) Eu acho que consegui desempenhar bem a minha missão a partir do momento em que descobri que a grande tarefa de um presidente sindical é fazer o que o trabalhador quer. Deixei então de dar ordens e passei a ser um executor da vontade dos metalúrgicos. (Nova pausa, com o pretexto de acender um cigarro, e aprofunda

seu raciocínio) Eu sei que quando a gente conquista a confiança dos trabalhadores, a responsabilidade aumenta. O que a gente diz é acreditado e pode influenciar companheiros. Mas quero declarar que, hoje, sou muito mais um reproduzidor das ideias dos trabalhadores do que um doutrinador. Para reproduzir o que os trabalhadores pensam e sentem, é essencial estar com eles todos os dias. Eu estou. Eu continuo a ir à porta da fábrica todos os dias, para não me distanciar dos trabalhadores.

- *E a tentação da demagogia, do aburguesamento, da corrupção...*

- *(erguendo o tom da voz, como se estivesse respondendo a uma agressão)* O grande risco do dirigente sindical é o seu afastamento dos problemas operários. O dirigente que fecha o sindicato aos trabalhadores, que não vai à porta da fábrica, passa a ter muitos mais contactos com autoridades do que com trabalhadores. E fica cada vez mais perto da corrupção. A estrutura e a tradição do nosso sindicalismo encaminham para a corrupção. O dirigente sindical, se quiser, passa a ter vantagens que permitem o seu aburguesamento. Como operário de fábrica ele era subordinado, agora comanda uma estrutura talvez poderosa; trabalhava de macacão, agora tem telefone, carro, emprego, mulheres e a bajulação de governantes e patrões. Daí a não fazer nada pelos trabalhadores é um passo muito curto.

- *E você, como resiste a essas tentações?*

- Eu faço do contacto com os problemas dos trabalhadores a minha força. Esse contacto me lembra, todos os dias, que eu não deixei de ser metalúrgico. O contacto com os dramas dos trabalhadores torna-me incorruptível. Estou livre de tentações, porque elas só ameaçam os corruptíveis. Quem é formado na escola do trabalho operário aprende a zelar o direito de andar de cabeça erguida. Eu posso e quero andar de cabeça erguida ao lado dos meus colegas metalúrgicos.

- *Mudando um pouco de assunto, Lula... Porquê você não se define ideologicamente? Você sabe que há gente por aí achando muito estranha essa fuga a uma definição ideológica...*

- *(sorrindo com certa ironia)* Eu sei... A razão é a seguinte: *(agora, já sem o sorriso)* eu não me defino ideologicamente porque não tenho o direito de dar ao sindicato uma linha ideológi-

ca pessoal, ignorando e desrespeitando as tendências dos outros metalúrgicos. Não que as divergências ideológicas sejam um mal em si mesmas. Mas não podemos correr o risco de deixar que elas se sobreponham aos problemas reais dos trabalhadores. Já pensou se travássemos dentro do sindicato uma luta de comunistas com cristãos, de socialistas com anarquistas? O que nós temos de fazer, todos os dias, é unir os trabalhadores em torno das nossas causas comuns, e é por esse motivo que eu nunca pedi a qualquer metalúrgico para assinar a ficha de filiação no Partido dos Trabalhadores. No sindicato, minha missão é cuidar dos problemas dos trabalhadores, não a de arregimentar militantes para o PT.

“O Partido dos Trabalhadores será a das massas”

- Por falar em PT... Como foi que nasceu a ideia?

- (abandonando o tom empolgado da resposta anterior) A ideia do PT surgiu porque a luta sindical não abre espaços suficientes para a participação política de todos os trabalhadores. Por exemplo: uma reunião de três sindicatos diferentes pode ser proibida legalmente pelo Governo. Já o partido político é muito mais abrangente e permite articulações bem mais amplas.

- Quer dizer, então, que o PT é um instrumento de organização política dos trabalhadores...

- Certo. E nunca é demais frisar que não é um partido de dirigentes sindicais. O PDS, por exemplo, que é o partido do governo, tem muito mais dirigentes sindicais que o PT, e, no entanto, não diz nada aos trabalhadores.

- Qual a diferença entre o PT e os outros partidos?

- Ah! São muitas! Mas a principal talvez seja esta, pelo menos por enquanto: os partidos burgueses, com todas as suas mensagens palanqueiras, não dizem nada ao povo, porque nada ouviram do povo. Não discutiram nada com o povo, nem mesmo os partidos da Oposição. O PT, ao contrário, está nascendo de baixo para cima. Da discussão. Da divergência. É impor-

tante que haja divergência, tem que existir mesmo. Mas está fácil de conciliar.

- Dizem que as divergências ideológicas são passatempo de intelectuais. Diga-me uma coisa, Lula: intelectual atrapalha no trabalho de organização do PT?

- (com ironia e certa agressividade) Os intelectuais não me preocupam. Eu não discrimino intelectual, quem faz discriminação são vocês, os próprios intelectuais. Para mim, intelectual também é trabalhador, tem que estar no partido. O que acontece é que, sendo a maioria, os operários têm que ser predominantes.

- Você diria que o PT é um partido socialista?

- Essa é uma pergunta que está em aberto, para que o povo descubra e diga o tipo de sociedade que quer. Mesmo que eu diga que sou socialista, ou que acredite no socialismo, fica a pergunta: será isso que o povo quer? Aliás, volto a dizer, a minha definição ideológica não interessa. As pessoas, se quiserem acreditar em mim, têm que acreditar na minha prática. E a minha prática é a de abrir canais para que o povo se manifeste politicamente, com liberdade e poder de organização. O PT que eu imagino vai existir na forma de núcleos em cada bairro, se possível em cada rua, em cada favela. Será a organização política das massas, para que a sua vontade determine os caminhos do país. É para isso que nos estamos organizando em todo o território nacional, para disputar todas as eleições do futuro, inclusive com candidatos aos Governos Estaduais.

“O trabalho na porta das fábricas continua todos os dias”

- Você fala como dirigente partidário, mas eu encontro-o aqui, em São Bernardo do Campo, em plena actividade sindical clandestina, já que você perdeu o sindicato. Explique essa situação, Lula.

- Eu ainda me considero Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. O Governo destituiu-me mas eu fui eleito pelos trabalhadores, não pelo Governo. En-

tretanto, confesso uma coisa: é uma luta dura, essa de ser presidente do sindicato e não ter nas mãos a estrutura física e operacional do sindicato. É por isso que agora estamos montando uma pequena estrutura própria. E o trabalho nas portas das fábricas continua todos os dias, para manter organizada e unida a classe.

- Alguma outra greve em vista?

- Quem sabe... Quem sabe... Estamos começando tudo de novo, sim, porque nada mudou. O trabalhador sofre um excessivo regime de horas extra, maus tratos das chefias, falta de garantia de emprego. Tivemos um aumento salarial, mas essa conquista pouco significa, porque ela é anulada pela rotatividade de mão-de-obra. Quem é despedido, quando volta a trabalhar sempre tem que aceitar um salário mais baixo que o anterior.

- Foi por isso que, na greve, você fincou pé na reivindicação de garantia de trabalho?

- (falando cada vez mais alto, como se estivesse em pleno confronto com os patrões) Mas é evidente! Algumas garantias sociais são mais importantes do que alguns pontos a mais nos índices salariais. E os trabalhadores entenderam isso com facilidade, porque não há metalúrgico que não tenha já sentido na carne o drama do desemprego. Muita gente não entendeu as razões que levaram os trabalhadores a continuar com a greve, depois da sentença do Tribunal do Trabalho, que só deu ênfase ao aumento salarial. Mas, sob o ponto de vista das conquistas sociais, a decisão do Tribunal era um retrocesso inaceitável, pois até negava a estabilidade para o trabalhador acidentado, uma conquista que a gente já havia conseguido com os patrões. Nós não podíamos aceitar esse julgamento, a luta tinha que continuar, porque ninguém estava brincando de greve.

- Você falou que houve gente que não compreendeu a continuidade da greve. Mas a solidariedade foi grande.

- Esse foi um factor decisivo para a firmeza do movimento. A gente sentiu que podia ir em frente, porque fome ninguém ia passar, graças à solidariedade dos trabalhadores e do povo de todo o Brasil.

- *E a solidariedade internacional... da Europa, por exemplo, como foi?*

- *(com um sorriso maroto) Muito telegrama e pouco dinheiro...*

**“A prisão serviu para reflectir.
E saí mais disposto a lutar.”**

- *Lula, vamos falar um pouco da sua prisão. Você sabe que há gente por aí dizendo que a prisão foi uma saída honrosa para você. Mais do que isso: a prisão fez de você um mártir e deu-lhe mais força. Está certo esse raciocínio?*

- *(zangado) Eu gostaria que esses... (engoliu o palavrão) que essa gente fosse presa, para ver se gostava. Para mim é vergonha ser preso. Os corruptos é que deviam estar presos. Cadeia é uma coisa odiosa. Torna inútil a vida. Imagina um pássaro na cadeia: tem água, alpista, porém, tudo isso num espaço de 30 centímetros quadrados. Era assim que eu me sentia na cadeia: como um pássaro sem espaço para voar. Mas faço um aviso: não tenho medo de ser preso. E se pelos mesmos motivos tiver que ser preso novamente, vou morrer na prisão.*

- *Mas os 31 dias de prisão serviram para alguma coisa?*

- **Serviram para reflectir. E dessa reflexão eu saí mais disposto a lutar. O nosso maior objectivo, agora, é retomar o sindicato para os trabalhadores. No momento em que o nosso sindicato voltar a ser dirigido por trabalhadores eleitos, considero acabada a minha tarefa como dirigente sindical. Volto a ser militante.**

**“A política, como eu
a vejo, não é emprego.”**

- *Só militante? E político, não?*

- **Eu não quero ser um político profissional. Tenho medo disso. Tenho medo que, assumindo um cargo qualquer como meio**

de vida, passe a defender os interesses dos grupos mais próximos a mim.

- E o que você vai fazer, então, para sobreviver?

- (com uma indisfarçável tristeza) Eu sei por que você faz a pergunta. Na prática, eu sou um torneiro mecânico desempregado por antecipação. A empresa onde trabalhava antes de ser dirigente sindical não me quer de volta. Fiz acordo de um ano de licença; depois serei demitido. E eu duvido que consiga emprego em qualquer outra empresa. Como vou viver daqui a um ano? Vamos adiar a pergunta, porque não tenho resposta para ela. O que sei é o seguinte: se eu aceitasse agora a ideia de ser candidato a alguma função política remunerada, como meio de sobrevivência, eu estaria traindo meus princípios. A política, como eu a vejo, não é emprego. Por enquanto, não me passa pela cabeça ser candidato a alguma coisa. A minha carreira política é coisa que não existe; o que existe é uma prática política em torno de uma ideia nova que é o PT. E é ao PT que eu vou dedicar-me, quando terminar a missão sindical. Duas coisas eu sei: não vou morrer de fome, nem a minha família, porque sempre fui capaz de ganhar o meu pão com dignidade; e vou continuar a marcar presença na porta das fábricas, porque toda a força das minhas convicções e da minha luta vem do contacto directo com os problemas dos trabalhadores.

“As minhas idéias nascem da prática”

- A entrevista está no fim Lula. E eu queria esclarecer uma dúvida. Já li uma declaração sua em que você afirmava que não lia livros. Mas você desenvolve e sustenta com muita facilidade idéias até complexas e isso torna difícil acreditar que você seja um homem sem leitura.

- Disse e repito: não leio, porque não tive oportunidade de adquirir o hábito da leitura. Eu sou operário e operário não tem tempo de ganhar gosto pela leitura. Estudei só até o quarto ano primário, como a maioria dos metalúrgicos. Quanto às minhas idéias, elas nascem da prática. Além disso, eu acredito que poucas pessoas, no Brasil, têm hoje, como eu, a oportuni-

dade de conversar com uma gama diferente de homens que integram a chamada inteligência nacional. São intelectuais, políticos, bispos, cientistas, estudantes, jornalistas, etc... O que eu faço é captar o que essas pessoas têm para me oferecer e assimilar o que delas ouço. É um aprendizado diário, de todos os momentos. De resto, eu não vejo nenhum problema: algumas pessoas têm apenas o hábito teórico; eu prefiro a prática.

(Alguns dias depois desta entrevista, já eleito presidente nacional do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio da Silva, o Lula, discursava num comício, na região Nordeste, gritando a seguinte afirmação: “Aqueles que têm o privilégio de ler um belo livro de Marx ou Lenin, deitados em cómodos acolchoados, evitem ditar regras aos trabalhadores.”)